

A GERAÇÃO BOÊMIA: MILITÂNCIA ARTÍSTICA, ATIVIDADE POLÍTICA E VIDA LITERÁRIA

THE BOHEMIAN GENERATION: ARTISTIC MILITANCY, POLITICAL ACTIVITY AND LITERARY LIFE

Suzane Morais da Veiga Silveira¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
sumveiga@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-8624-6743>

Recebido em 23 maio 2020

Aceito em 12 ago. 2020

Resumo: No contexto do final do século XIX, no período de início da *belle époque*, quando a elite carioca da época procurava assemelhar-se a um modo de vida burguês, um grupo de jovens escritores se uniu em nome de um ideal de fraternidade e rebeldia, sendo reconhecidos como “os boêmios”. Ligados por laços éticos de um idealismo combativo e marginal, esses autores tiveram uma relação ambígua com a imprensa, pois buscaram realizar uma prática de escrita conscientizadora aliada a uma literatura engajada. Este artigo tem por objetivo demonstrar como a boemia foi fundamental no processo de desenvolvimento de uma militância literária e política que culminou na consolidação do próprio campo intelectual do período, bem como na construção da Academia Brasileira de Letras, em 1897. A metodologia empregada consiste no levantamento histórico e crítico da geração boêmia da década de 1880, tendo como embasamento teórico pesquisadores de relevo da área, como Needell (1993), Sevcenko (2003), Broca (1991) e Tuzino (2012). Como resultado da pesquisa, verificamos que a reivindicação de pautas sociais por meio da arte impregnou a imaginação literária e a atividade jornalística de escritores brasileiros, como os boêmios, nos anos anteriores à proclamação da República, com a esperança de que o novo regime trouxesse melhorias para a sociedade. Porém, depois de estabelecida a gestão federalista, mantiveram-se as mesmas estruturas sociais e os opositores ao governo foram presos ou exilados.

Palavras-chave: *Belle époque*. Boemia. Vida literária.

Abstract: In the context of the late 19th century, at the beginning of *belle époque*, when Rio's elite of the time sought to resemble a bourgeois way of life, a group of young writers joined with an ideal in their minds of fraternity and rebellion, being recognized as “os boêmios”. Linked by ethical ties of a combative and marginal idealism, these authors had an ambiguous relationship with the press, as they sought to carry out a practice of conscientious writing combined with engaged literature. This article aims to demonstrate how bohemia was fundamental in the process of developing a literary and political militancy that culminated in the consolidation of the intellectual field itself of the period, as well as in the construction of the Brazilian Academy of Letters, in 1897. The methodology used consists of historical and critical survey of the bohemian generation of the 1880s, having as theoretical basis important researchers from the area, such as Needell (1993), Sevcenko (2003), Broca (1991) and Tuzino (2012). As a result of the research, we found that the claim of social issues through art impregnated the literary imagination and journalistic activity of Brazilian writers, such as the bohemians, in the years before the proclamation of the Republic, with the hope that the new regime could bring improvements to society. However, after federalist management was established, the same social structures were maintained and opponents of the government were arrested or exiled.

Keywords: *Belle époque*. Bohemia. Literary life.

ABOLIÇÃO
*Não mais dos homens os fatais horrores,
Não mais o vil zumbir das vergastadas,
Salpicando de sangue o chão e as flores.
Não mais escravos pelas esplanadas!
São todos livres! Não há mais senhores!
Foi-se a noite: só temos alvoradas!*
(NEI, 2015)

INTRODUÇÃO

Inspirado no lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, utilizado pelos combatentes da Revolução Francesa (1789-1799), um grupo de literatos contrários aos caminhos políticos e literários do Brasil da época resolveu se unir, tendo como premissa a luta pela liberdade do fazer literário e pela justiça social. Nesse sentido, no contexto do final do século XIX, no período de início da *belle époque*, formou-se no Rio de Janeiro uma fraternidade de jovens escritores que ficou conhecida pela alcunha de ‘os boêmios’, pela atmosfera de irreverência, erudição e “marginalidade combatente” (NEEDELL, 1993, p. 220) que os cercava.

Esse período da ‘bela época’ estendeu-se aproximadamente, conforme aponta o pesquisador Jeffrey Needell (1993), da instauração do regime republicano, em 1889, até à Semana de Arte Moderna, em 1922, período em que a sociedade fluminense experimentou uma efervescência econômica e cultural, tornando-se, aos poucos, referência artística para todo o país. Com ares de civilização e de progresso, uma nova visão de mundo procurava ser difundida pelo novo regime, a República, a fim de agradar às elites da época, compostas principalmente pela burguesia cafeicultora.

Segundo Jerrold Seigel (1992), o termo ‘boemia’ definiria um fenômeno da Era moderna, do mundo moldado pela Revolução Francesa e pelo crescimento das cidades e da indústria moderna. Leonardo Mendes e Elton Nunes (2008) ratificam essa informação, acrescentando o fato de ter sido o romancista e poeta Louis-Henri Murger (1822-1861) o responsável por desenvolver o conceito de ‘boemia’, tal como a compreendemos atualmente, pois em seus escritos a palavra teria se associado de modo intrínseco à vida artística nas sociedades modernas.

A maioria dos romances de Murger se distingue por caracterizar grupos de intelectuais franceses nos quais a fraternidade de jovens artistas é posta à prova. São pintores, escritores, músicos e filósofos que dividem uma existência precária, reunidos

pela fome e pela posição anti-burguesa. Desse modo, esses são os elementos básicos que diferenciam o grupo dos boêmios: uma jovialidade rebelde e combativa, um idealismo patriótico e artístico e uma irmandade baseada na arte e na vida noturna.

A boemia seria, nessa perspectiva, uma experiência artística baseada na premissa da atividade literária aliada ao engajamento político. Logo, a busca pela libertação por meio da arte impregnou a imaginação literária de escritores brasileiros no final do século XIX. A esse respeito Jeffrey Needell (1993) destaca que, entre as décadas de 1870 e 1880, despontavam no cenário nacional jovens que, influenciados por ideias republicanas, abolicionistas e cientificistas e cansados dos antigos moldes do fazer literário, juntavam-se para discutir ideias e realizar movimentos de combate intelectual e político.

Vários desses escritores vinham de outros estados para o Rio de Janeiro, que, aos poucos, se tornava sede de uma profunda mudança no campo das Letras e das Artes brasileiras, como, por exemplo, os irmãos Aluísio Azevedo (1857-1913) e Artur Azevedo (1855-1908), de origem maranhense; o alagoano Guimarães Passos (1867-1909); o rio-grandense Pardal Mallet; e o cearense Paula Nei. Outros importantes integrantes do grupo dos boêmios cariocas são: Coelho Neto (1864-1934), Olavo Bilac (1865-1918), Luiz Murat (1861-1920), Émile Rouède (1848-1908), Alcindo Guanabara (1865-1918) e Raul Pompéia (1863-1895). Esse era um grupo heterogêneo, porém unido e extremamente envolvido nas questões artísticas e políticas da época, que se organizou a fim de juntar forças para impulsionar a vida artística na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império e núcleo cultural do país.

Nós fomos um grupo principalmente solidário pela amizade, divididos embora, por essa eterna questão da arte, que cada qual interpretava ao seu feitio, atirados uns contra os outros por essa fatalidade da vida que faz rivais nunca faltamos ao apelo do interesse coletivo, nunca deixamos de ser – um por todos, todos por um, fomos – o Bilac, o Pompéia, o Neto, o Guimarães, o Alcindo e eu, quase todos da mesma idade, nascidos entre os anos de 63 a 65, reunidos pela convivência acadêmica, bastante certos de nós mesmos para aceitar a camaradagem dos veteranos – Luís Murat, Paula Nei, Aluísio de Azevedo, Emílio Rouède e Artur Azevedo, bastante fortes para fazer de todo esse pessoal uma só família (MALLET, 1890 *apud* PONTES, 1935, p. 251).

Conforme aponta o trecho acima, existia um grupo de autores mais antigos – formados principalmente por escritores, poetas e dramaturgos consagrados pelo meio literário – que forneceu apoio a esses jovens que iniciavam a carreira, ávidos por conquistar seu espaço e mostrar o seu trabalho. A relação entre eles foi de uma amizade intensa e de profícua produção artística e intelectual, formando uma

fraternidade na qual, mesmo com estilos e opiniões diferentes, todos se respeitavam.

Fig. 1 – Imortais da ABL encenam *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt.¹



Dentre os veteranos do grupo dos Boêmios, podemos destacar os seguintes escritores: Luís Murat, Paula Nei, os irmãos Artur e Aluísio Azevedo e Emílio Rouède. O primeiro, Luís Morton de Barreto Murat, nascido em 1862, no município de Piraí no Rio de Janeiro, tornou-se jornalista e poeta, sendo um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Como jornalista, foi bastante atuante, fundando o jornal *Vida Moderna* (1886), para o qual colaboraram muitos de seus colegas. Ativista político, foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro em 1890.

Francisco de Paula Nei, que nasceu em 1858 no município de Vila de Acarati, no Ceará, era um dos jornalistas do grupo dos boêmios que mais participava da agitada vida literária noturna carioca. Figura pública de enorme popularidade, publicava anonimamente seus escritos poéticos em jornais e periódicos fluminenses. Já os irmãos Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo e Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo, nascidos em São Luís do Maranhão, chegaram à Capital Federal em 1873

¹ O grupo encena uma divertida réplica do quadro *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt. Da esquerda para a direita: Olavo Bilac, Leôncio Correia, Henrique Holanda, Pedro Rabelo, doutor Pederneiras, Álvaro de Azevedo Sobrinho e Plácido Júnior. O autopsiado é Artur Azevedo, sendo o legista, que o opera com o sabre, Coelho Neto. A fotografia pertence ao acervo de Bilac e está autografada pelo autor. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4328&sid=2>. Acesso em: 23 maio 2020.

e 1876, respectivamente.

Aluísio Azevedo, o mais novo, foi profícuo romancista, além de hábil contista, cronista, caricaturista e jornalista. Artur Azevedo conquistou o seu espaço como jornalista, dramaturgo e homem de teatro, deixando para a posteridade uma enorme quantidade de peças escritas e encenadas, tendo como cenário o Rio de Janeiro do final do século XIX. Já Emilio Rouède, pintor e escritor de origem francesa, chegou ao Brasil em 1880. Participou ativamente de movimentos políticos, integrando-se ao meio intelectual da época não apenas como artista, mas também como colaborador do jornal abolicionista *Cidade do Rio*, dirigido por José do Patrocínio, juntamente com os outros referidos autores.

Assim, podemos perceber que o campo artístico que recebera os escritores da nova “linhagem” da década de 1880 (Olavo Bilac, Raul Pompéia, Coelho Neto, Guimarães Passos, Alcindo Guanabara e Pardal Mallet) se mostrava propício para a integração desses jovens talentosos os quais, por sua vez, inspiravam-se nos mestres. De acordo com Jeffrey Needell (1993), cada participante se destacou à sua maneira: Olavo Bilac tornara-se um poeta aclamado, líder dos parnasianos e destaque no jornalismo, ao qual se dedicara a vida toda; Coelho Neto, “estilista prolífico” (p. 222-223), ficou conhecido como célebre romancista e ensaísta; Aluísio Azevedo, o mais importante dos naturalistas brasileiros, escreveu romances aspirando a se tornar o Zola dos trópicos; Guimarães Passos, poeta parnasiano e humorista, permanecera como símbolo da boemia e do ímpeto revolucionário: morrera jovem, de forma prematura. Paula Nei, segundo Needell, ainda fora mais longe: nenhum livro escreveu em vida, sua reputação foi toda construída na boêmia noite da Rua do Ouvidor, onde recitava versos de seus poemas. Eram estes, então, os homens e o meio dominante no campo literário no alvorecer da *belle époque* carioca.

OS BOÊMIOS E A IMPRENSA

É interessante notar que o principal meio de divulgação e viabilização desses escritores era o jornal, tendo a maioria deles produzido intensa atividade jornalística, por meio de publicação de crônicas de crítica literária, contos e folhetins em periódicos da época. Os escritores que os sucederam continuaram nessa linha de prática, tendo no jornal a principal ferramenta e fonte de trabalho. Segundo Nicolau Sevcenko

(2003), a escolha do jornal como principal palco de atuação artística e política pelo grupo dos boêmios teria ainda um outro motivo: estimular a educação da população brasileira. O pesquisador chama o grupo de “mosqueteiros intelectuais” (p. 58), apontando para o tipo de intervenção proposta por tais escritores, fiéis ao lema de luta conjunta e fraternidade: tornar suas vidas uma constante luta para a instauração de seus ideais artísticos e sociais.

Ao reforçar a ideia da prática jornalística dos boêmios como ferramenta educacional, Ana Carolina Feracin da Silva (2002) afirma que, mesmo tendo o jornalismo noticiário como fonte de renda, o grupo boêmio se preocupava em disseminar a importância formativa dos textos divulgados pela imprensa, pois “o registro puro e simples da matéria de nada valia se apenas registrasse o mundo em torno, sendo preciso que fossem além” (NETO, 2002, p. 10-11). Portanto, para eles, mais do que informar sobre a realidade, era preciso transformá-la.

Esse aspecto fica evidenciado na obra autobiográfica *A Conquista* (1899), escrita por Coelho Neto, em que o autor retrata as dificuldades políticas e artísticas enfrentadas por ele e pelos colegas. Inicialmente publicado como folhetim nas páginas do jornal *A República*, em 1897, sob encomenda de Alcindo Guanabara (NETO, 1985), *A Conquista* funciona como relato pessoal e ficcional daqueles primeiros anos de aventuras vividas junto aos boêmios, nos quais se inspira para compor o livro.

No romance, Neto recria algumas experiências vivenciadas pelo grupo, descrevendo seus feitos e embates no contexto de fins do século XIX na capital fluminense. Esta é uma importante produção em que se pode perceber as nuances dos laços de amizade que uniam os autores, bem como as divergências dentro do grupo – páginas que fornecem uma compreensão de como Neto e seus amigos encaravam o início de uma carreira literária ainda incerta e o sentido que lhe atribuíram. Vejamos, por exemplo, um trecho da obra em que Olavo Bilac dá um conselho a Coelho Neto:

– Não façam notícias; a notícia embota. Ataque as instituições, desmantele a sociedade, conflagre o país, excite os poderes públicos, revolte o comércio, assanhe as indústrias, enfureça as classes operárias, subleve os escravos, mas não escreva uma linha, uma palavra sobre notas policiais, nem faça reclamos. Mantenha-se artista. Havemos de vencer, mas, para isto, é necessário que não façamos concessões. O redator não quer saber se temos ideias ou não: quer espremer (NETO, 1985, p. 158-159).

Segundo o trecho acima, podemos notar que Olavo Bilac gostaria que a atividade

dos colegas na imprensa fosse regida conforme alguns critérios, para que eles não se desviassem de sua verdadeira intenção artística e passassem a servir de meras marionetes de um sistema editorial explorador. Essa caracterização de Bilac da imprensa como atividade potencialmente nociva aos escritores, caso seja feita de forma alienada, numa passagem de outro folhetim de Coelho Neto, intitulado *Turbilhão* (1906), em que o mesmo descreve a atmosfera insalubre do lugar onde eram feitas as páginas dos jornais e o aspecto taciturno dos funcionários, associando a imagem da prensa a de um monstro:

Na sala da revisão, estreita e abafada, mal comportando as quatro mesas de serviço, os revisores repousavam; apenas o Brites, esgalgado e míope, lia o antigo de fundo, todo em períodos lamentosos augurando fome e lutas; e o Amaro, conferente, acusando a pontuação de quando em quando batia na mesa pancadas secas com um lápis ou dizia claramente uma palavra, repetindo-a devagar, sílaba a sílaba, enquanto o Brites, debruçado sobre a prova, fazia a emenda resmungando. O Malheiros, em mangas de camisa, suado, afogueado, derreava-se na cadeira, com a cabeça no respaldo, fumando, de olhos distraidamente cravados no teto, de onde escorriam os fios oscilantes das lâmpadas elétricas. (...) O Bruno, esse detestava a oficina: o "antro do Dragão". O prelo era: o Monstro devorador do gênio; e, sempre que ouvia a crepitação das correias nas polias ou o rolar dos cilindros das marinônias, murmurava, com ódio e nojo: "Lá está a besta mastigando!" (NETO, 1964, p. 10-11).

Assim, Coelho Neto denuncia nas páginas do romance *Turbilhão* a "besta devoradora do gênio" (NETO, 1964, p. 12), isto é, a imprensa que desperdiçava o talento dos jovens escritores em um emprego que não os recompensava intelectualmente. Além disso, mostra como a redação concebe um jornal de forma medíocre, visando não a qualidade daquilo que é mostrado, mas a vendagem dos números. Expõe, ainda, o fato de que muitas vezes as matérias eram realizadas sem o menor critério, formando uma miscelânea de textos sem a devida organização, oferecida ao público leitor cada vez mais desinformado e massificado.

Nessa noite, mais irritado, irrompeu furioso:

"Eu sei que o escrito é um alimento indispensável ao espírito das gentes: entendo, porém, que os intelectuais devem apenas preparar o néctar divino e não essa mixórdia em que entra tudo - desde o espargo até a couve tronchuda.

"Vejam vocês: um artista como o Penante faz uma bela página de prosa ática - períodos polidos a capricho, como só ele os sabe polir. Compõe o Mendonça, com a magnificência do seu talento, um poemeto de rendilhados versos bizantinos. Escreve o Rocha um daqueles antigos de original beleza, nos quais a gente encontra a Musa cantando, desolada. No serralho da Política, como Política, como a *Cativa*, de Hugo, na alcáçova do Turco, e vêm esses primores aqui para cima, na mesma cesta em que sobem as ignomínias das penas anônimas, como as rosas que chegam do mercado num samburá entre repolhos e nabos (NETO, 1964, p. 12).

Contudo, foi principalmente através da imprensa e do desenvolvimento do mercado editorial no Brasil que esses autores puderam ter uma oportunidade de viver do seu próprio trabalho e, de certa forma, materializar o sonho boêmio de subsistir através de sua carreira literária, mesmo que de forma insuficiente: “(...) Com isso, surgiram as condições para a formação de uma verdadeira boemia, com uma vida independente da sociedade estabelecida completamente dedicada às letras” (NEEDELL, 2002, p. 221). Dessa maneira, tornavam-se cronistas especializados, ocupando o espaço do folhetim nos jornais, como um local privilegiado, em que eles podiam, de fato, experimentar outras formas de escrita, podendo inovar em termos de técnicas estilísticas, alcance temático, modos de formatação, narração e composição dos textos, bem como experimentar uma escrita crítica.

À medida que a crônica ganhou o seu espaço no jornal impresso, sobretudo, com os textos de Machado de Assis, no século XIX, o fator tempo passou a não ser tão fundamental. O aspecto cronológico cedeu caminho às inúmeras possibilidades de significados da crônica, à sua abrangência temática e linguística (NEIVA, 2005, n.p.)

O lugar destinado ao folhetim era, assim, almejado pelos jovens escritores que aspiravam a se tornarem cronistas de destaque, visando o *status*, a publicidade e o gosto do público e/ou da crítica que daí poderiam obter e, com isso, possivelmente uma vaga para o círculo literário da época. Segundo nos afirma Tuzino (2010, p. 15), para os cronistas dessa época, escrever para o folhetim era uma alternativa à falta de perspectiva e de dinheiro que lhes imputava a vida de escritores autônomos, pois muitos não tinham condições de publicar seus livros. Assim, esses jovens escritores poderiam, através do folhetim, alcançar certa “profissionalização” nesse ramo crescente do jornal, e, através do reconhecimento proporcionado pelo trabalho nos periódicos, posteriormente se dedicar à escrita de seus livros. Logo, é mister ressaltar que a condição de escritor de obras de ficção e cronista de jornal era partilhada por vários autores que alternavam seus textos em romances, contos, novelas e crônicas semanais no rodapé das gazetas cariocas.

Para os cronistas de então, escrever para o espaço do folhetim proporcionava notoriedade, status, dinheiro e também um meio para se profissionalizarem na escrita e, quiçá, posteriormente serem convidados para publicarem seus escritos em livros (TUZINO, 2010, p. 15).

A FAMÍLIA BOÊMIA: LAÇOS DE AMIZADE, ATIVIDADE LITERÁRIA E MILITÂNCIA POLÍTICA

A ‘geração boêmia’, designação cultivada pela historiografia ao se referir ao grupo de escritores da década de 1880, é ainda outro nome que, segundo o historiador João Paulo Rodrigues (1998), teria sido atribuído ao conjunto de jovens escritores do final do século XIX pela crítica literária, graças a um movimento bastante forte entre as décadas de 1920 e 1960, o qual procurou estreitar tendências de comportamento ao longo do tempo, como parte de uma “memória calcada na boemia” (p. 234). Logo, o conceito de ‘tribo’ cunhado por Dominique Maingueneau (2001) parece se aplicar ao grupo, uma vez que aponta o aspecto distinto desse tipo de ‘comunidade restrita’: os laços éticos e estéticos da vida literária.

A vida literária está estruturada por essas “tribos” que se distribuem pelo campo literário com base em reivindicações estéticas distintas: círculo, grupo, escola, cenáculo, bando, academia (...). Mas a tribo de escritores não se define de acordo com os critérios da divisão social canônica, que reconhece essencialmente duas espécies de grupos: os que se fundamentam na filiação e os de qualquer tipo (empresas, equipes, batalhões) unidos por uma tarefa a cumprir. (MAINGUENEAU, 2001, p. 30).

Segundo aponta Ana Carolina Feracin da Silva (2002), apesar de divergirem sobre várias questões, os boêmios se caracterizavam como uma família, que possuía uma identidade própria, construída por meio da vivência de experiências em conjunto, e que se afirmava na intensidade das transferências afetivas que nela se produziam. A ‘família boêmia’ possuía, assim, uma bandeira e uma tarefa a cumprir: a atividade literária como meio de intervenção social. Logo, é possível entender a relação de alguns desses escritores com a militância política, principalmente aqueles que se opunham ao regime monárquico. Assim, lutaram, sobretudo com a pena, escrevendo livros e artigos em jornais em favor da causa abolicionista e republicana: “Essa concepção militante da literatura – na qual o engajamento em questões sociais firmava-se cada vez mais como uma postura necessária – ganharia contornos concretos na luta empreendida por esses homens contra a escravidão” (NETO, 2002, p. 11).

Esse aspecto político do grupo dos boêmios se sustenta mediante o vínculo dos jovens escritores Olavo Bilac, Pardal Mallet, Luís Murat, Guimarães Passos, Paula Nei, Aluísio e Artur Azevedo e Coelho Neto com o líder abolicionista José do Patrocínio

(1853-1905), que empregou a maioria deles na *Cidade do Rio*, jornal de sua propriedade desde 1887, tornando-se, conseqüentemente, importante integrante do grupo, ou o “chefe” (NEEDELL, 1993, p. 222). Negro, filho ilegítimo de um vigário e uma escrava, José do Patrocínio tornou-se jornalista, escritor, orador e expressivo ativista político, destacando-se como um propagandista de “imaginação explosiva” (NEEDELL, 1993, p. 223) na luta em prol do movimento abolicionista e republicano no país.

Conforme aponta o historiador e professor Jeffrey Needell (1993), é importante pensar a questão da marginalidade do grupo dos boêmios cariocas que descende em grande parte do conceito de marginalidade defendido pelo movimento Romântico. Ademais, de acordo com Needell, a forte pauta abolicionista dos boêmios já era encabeçada por Castro Alves (1847-1871), cujos versos incendiaram o movimento.

Outro elemento que aproximava os boêmios dos seus antecessores românticos, segundo Brito Broca (1991), era a vontade de viver unicamente da carreira literária. Needell (1993) reforça essa ressonância ética do grupo boêmio com os marginais românticos, os quais haviam sentido que, pela palavra, poderiam contribuir para a construção nacional. O paradigma do artista inadaptado, sem recursos, isolado, errante pela cidade, frequentador da vida noturna (bebe, fuma, joga, frequenta prostíbulos) parece ter influenciado os boêmios a se comportarem também como *outsiders*, porém de uma forma mais consciente e mais combatente que os seus predecessores, por meio de uma arte politizada. Nessa perspectiva, é importante pensar o porquê de o jornalismo ter se tornado elemento imprescindível dessa revolução defendida pelos boêmios: é através da palavra que os escritores conseguiriam uma ruptura com as tradições coloniais.

Assim, Needell afirma que o impacto intelectual do cientificismo europeu, das ideias emancipatórias francesas, e da geração de setenta (dos Românticos) influenciou decisivamente para que, na década de oitenta, a grande maioria desses escritores estivesse completamente tomada pelas discussões acerca do fim da abolição e instauração da República. O pesquisador aponta ainda que, ao contrário do grupo boêmio francês, que se concentrava exclusivamente na capital, os novos movimentos insuflados pelo Romantismo se espalharam por todo o Brasil, em várias capitais das províncias – com destaque para o nordeste do país, principalmente Recife e São Luís – apesar do fato de muitos escritores emigrarem para a Capital Federal, a

fim de conseguir emprego e destaque para seu trabalho.

Os boêmios cariocas se distinguiam, dessa forma, por serem críticos e combativos. Para eles, aquele era o momento de procurar novos significados para a atividade intelectual, refletir sobre o papel da literatura e a importância dos escritores, como “militantes da pena” (MENCARELLI, 1999, p. 44). Ansiosos em construir um mundo novo, uma sociedade mais justa e consciente, organizavam-se em torno das ideias positivistas da época que circulavam no Brasil: “Comte e Spencer exerciam influência grande no meio intelectual (...) discutiam-se doutrinas, firmavam-se conceitos, organizavam-se escolas. Bela época! Os pensadores se aprestam à luta – enérgica, violenta por vezes, mas nunca deselegante” (NEEDELL, 1993, p. 221).

Needell (1993) ressalta o fato de a maior parte dos boêmios ter escolhido levar uma vida de “seleta pobreza” (p. 222), para serem literatos em tempo integral. Trazendo à mão o muito folheado *Scène de la vie bohème* (1851)², de Henri Murger, passavam longas horas em bares, restaurantes e cafés, recusando muitas vezes a carreira de advogados e médicos, para se dedicarem inteiramente à vida literária.

Com poucas exceções, a maior parte dessa geração vinha do mesmo meio privilegiado que seus antecessores românticos. Poucos autodidatas pobres eram recrutados para esta pobreza especial. Os indivíduos que buscavam a glória literária nos sótãos da Cidade Velha e locais escolhidos, como o Café Londres, o restaurante Cailteau e a Confeitaria Colombo, haviam *escolhido* abandonar o conforto prometido pelo direito e pela medicina. Eles tinham formação clássica e um ano ou mais de faculdade atrás de si. Eram boêmios porque podiam ser literatos em tempo integral, apenas dessa maneira e, por isso, era atraente como forma de auto identificação literária (NEEDELL, 1993, p. 222, grifo do autor).

A BOEMIA, A ACADEMIA E A TRANSIÇÃO DA VIDA INTELECTUAL DA BELLE ÉPOQUE

Perante a Europa passamos por ser uma democracia monárquica que não inspira simpatia nem provoca adesões.
Perante a América passamos por ser uma democracia monarquizada, onde o instinto e a força do povo não podem preponderar ante o arbítrio e a onipotência do soberano. Em tais condições pode o Brasil considerar-se

² A referência em destaque trata-se das *Cenas da vida boêmia*, obra de um jovem autor alemão instalado na Paris oitocentista, capital da “vanguarda” da época. Ele se chama Heinrich Mürger, mas escreve em francês e se torna Henri Murger, depois de naturalizado francês. O seu romance *Scène de la vie bohème*, apesar de não muito conhecido nos dias atuais, foi o libreto de uma ópera que, em compensação, vai torná-lo célebre, e que ainda é representada em todo o mundo, *La Bohème*, de Puccini.

um país isolado, não só no seio da América, mas no seio do mundo.
O nosso esforço dirige-se a suprimir este estado de cousas,
pondo-nos em contato fraternal, com todos os povos. E em
solidariedade democrática com o continente do qual fazemos parte.
(Trecho do Manifesto Republicano, de 1870³)

O trecho acima corresponde às últimas linhas do Manifesto Republicano vindo a público em dezembro de 1870 e que representou para os republicanos e federalistas da época um avanço para a democracia no país. Nele, vemos descrito um retrato parcial do Brasil até aquela época: isolado dos outros dos países da América do Sul e mal visto pela comunidade internacional, como uma nação cujo povo não tinha representatividade para reclamar seus direitos perante o domínio soberano de um imperador. Contudo, as aspirações e esperanças fomentadas pelos movimentos democráticos e artísticos das décadas de 1870 e 1880, impulsionadas pelo manifesto republicano, escrito dezenove anos antes de sua proclamação, são frustradas quando esta finalmente acontece.

É fato que, com a República, houve o fim da Monarquia centralizada e a emergência de novas forças políticas regionais, mas não aconteceram as tão esperadas mudanças sociais, nem foram abertos novos caminhos – mantiveram-se as mesmas estruturas de classe e de poder. Nem mesmo a Abolição da escravatura (1888), anos antes do governo de Campos Sales (1898-1902) se instaurar, promoveu alguma transformação por meio de reformas socioeconômicas. Jeffrey Needell afirma, sobre este período, que a década entre a Abolição e a República significou a agonia dos ideais boêmios da década anterior.

Assim, entre os literatos que tinham sido jovens ou de meia-idade na década de 1880, havia um desapontamento típico com a participação política e uma sensação de fracasso quanto a seu papel na transformação da sociedade. Ao lado de Machado de Assis (pertencente à última geração romântica), seriam estes desiludidos que reinariam, agora, sobre a cultura da *belle époque* carioca (NEEDELL, 1993, p. 224).

De acordo com Needell (1993), os conflitos e a repressão política dos anos entre 1889 e 1897 teriam dispersado a boêmia clássica da década de 1880, com os crescentes ataques do governo aos jornais e o exílio de dissidentes. Do grupo original, alguns investiram em cargos públicos, outros se mantiveram distantes, fiéis aos

³ Trecho extraído do livro de Américo Brasiliense de Almeida e Melo, *Os programas dos partidos e o segundo Império: primeira parte, Exposição de princípios*. São Paulo: Tip. Jorge Seckler, 1878. p. 85.

princípios originais e desgostosos com a realidade da República. Para todos, enfim, o período foi um divisor de águas. O idealismo combatente inicial foi abandonado e a maioria de seus integrantes procurou um modo de vida (burguês) de subsistência, enquanto mantinham suas identidades de “criadores de uma cultura nacional” (NEEDELL, 1993, p. 225).

Os boêmios foram os principais agentes que atuaram na constituição do campo literário da *belle époque* do Rio de Janeiro. Dos seus esforços e iniciativas para consolidar e fomentar mecanismos de legitimação e financiamento de projetos artísticos, resultou a criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Conforme aponta Jeffrey Needell (1993), esta não foi a primeira empreitada de um grupo de literatos para conseguir subsídio, já que os românticos brasileiros tinham criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838. Segundo o historiador, a instituição foi patrocinada por Dom Pedro II, tendo como integrantes membros eminentes da sociedade da época, formando, assim, um “clube para diletantes da elite e antiquários” (p. 226).

Machado de Assis foi eleito o patrono da Academia Brasileira de Letras, devido à sua importante posição social na época, à sua já grande fama como escritor, reverenciado e admirado pelos colegas e, principalmente, à sua atitude política de não enfrentamento. Essa postura diplomática assumida pelo bruxo do Cosme Velho era exatamente o que a maioria dos literatos daquele momento histórico procurava: não à toa, então, que a Academia ganha a alcunha de “Casa de Machado de Assis”, pois ela nasce mesmo à imagem e semelhança do autor.

Fig. 2 – Grupo de escritores da *belle époque*⁴

Segundo Needell (1993), a ideia da fundação da Academia surgiu em um dos encontros literários regulares que se seguiam às publicações dos periódicos da época, o que significa dizer que muitos já se conheciam do ambiente de trabalho nas redações dos jornais, cujas amizades se estendiam à Rua do Ouvidor, em reuniões em livrarias, cafés e bares. Foi dessa forma tímida – com um pequeno grupo de escritores se reunindo esporadicamente para debater assuntos concernentes ao meio artístico da época – que surgiu a intenção de criar uma instituição literária que creditasse respeito pelas Letras nacionais e pelos nomes de seus fundadores, é claro.

Aos poucos a Academia foi ganhando prestígio e acarretando a admiração de alguns e o ataque de outros, principalmente daqueles que foram excluídos da associação. Seus integrantes eram ilustres membros da sociedade, destacando-se o crítico José Veríssimo (1857-1916), responsável por “recrutar” os escritores mais influentes da época. Conforme aponta Needell (1993), os quarenta “imortais” fundadores da instituição tiveram como inspiração o cardeal Richelieu (1585-1642), o qual fundara a *Academie Française* em 1635, cujo ritual foi adotado pelos literatos

⁴ Integrantes do grupo que realizava pequenas reuniões ágapes e encontros de escritores e artistas. A fotografia é de um almoço no Hotel Rio Branco (1901), que ficava na rua das Laranjeiras, 192. De pé, temos: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, Sousa Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto. Sentados: João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=4328&sid=2>. Acesso em: 23 maio 2020.

responsáveis por instituir a Academia Brasileira, iniciando a linhagem das cadeiras. Também acolheram o costume francês de saudar os novos membros com discursos que celebravam sucessores e predecessores, bem como o veto à participação de escritoras, que só seria revogado em 1977 com o ingresso de Rachel de Queiroz, primeira mulher a participar da ABL. A instituição, como um todo, não negava sua filiação às ideias francesas:

A praxe acadêmica sublinhava o que os discursos inaugurais explicitavam – tratava-se de uma organização *à la française*, criada para fortalecer a tradição literária, preservar a pureza da língua e promover, na nação recém-nascida, o respeito pelos feitos literários e o encorajamento de uma literatura verdadeiramente nacional (NEDELL, 1993, p. 226).

Segundo Fernando Mencarelli (1999), apesar de prudente, esse grupo de literatos e intelectuais da *belle époque* detinha ainda uma postura crítica e ativa no campo literário da época, com uma intensa produção artística e jornalística, reconhecendo para si o papel de paladinos da literatura na constituição de um pensamento modernizante a respeito das Letras no Brasil. Porém, segundo ressalta Needell (1993), ao contrário dos boêmios da geração de 1870 e 1880, o grupo de escritores da década de 1890 – do ceticismo que criara a Academia – recusou a proposta anterior de militância política, restringindo-se, exclusivamente, para os objetivos traçados junto à fundação da Academia: padronizar a língua portuguesa e fortalecer a cultura e a literatura nacionais, exaltando seus nomes. Nesse sentido, a Academia contribuiu para dar uma sensação de pertencimento àquele grupo de escritores, com a proposta de legitimar grandes autores de diferentes épocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar que algumas das ideias românticas da boemia sobreviveram no ideário da Academia, como o aspecto de fraternidade entre os escritores, a ideia romântica do escritor genial, e da obra igualmente célebre. Aliás, o mito do grande ‘livro nacional’ foi um fantasma que assombrou os escritores da *belle époque*, os quais buscaram – sempre em vão – aquela que seria a ‘grande obra’, em vez de valorizarem aquilo que era produzido, de fato.

A fundação da Academia significou uma nova postura daqueles escritores dentro do campo cultural da sociedade carioca de fins de século: eles não mais queriam a

condição de marginalidade da boemia, pois almejavam a segurança e a solenidade de homens de letras, invocando para si a dignidade da arte – desejosos de reconhecimento oficial, social e, principalmente, financeiro.

Para isso, seria necessário, então, abdicar a manifestação de suas visões políticas. Sob a regência de Machado de Assis, a Academia se tornara, enfim, uma instituição respeitável, uma 'boa companhia', mantendo o *status quo* vigente na época. A maioria de seus integrantes envelheceu de forma prosaica, muitos como advogados, professores, diplomatas e burocratas; alguns continuaram, porém, a sustentar modestamente o sonho da juventude combativa em seus escritos literários e em crônicas nos jornais. Dos escritores da 'geração boêmia' da década de oitenta, poucos realmente chegaram até 1900, os mais radicais ou morreram ou se tornaram desiludidos solitários.

REFERÊNCIAS

BROCA, B. **Naturalistas, parnasianos e decadistas** – vida literária do Realismo no Pré-Modernismo. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991.

FUNDAÇÃO. *In*: ACADEMIA Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1897. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4328&sid=2>. Acesso em: 23 maio 2020.

MELO, A. B. de A. **Os programas dos partidos e o segundo Império**: primeira parte – exposição de princípios. São Paulo: Tip. Jorge Seckler, 1878.

MENCARELLI, F. A. **Cena Aberta**: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

MENDES, L.; NUNES, E. O Rio de Janeiro no fim do século XIX: modernidade, boemia e o imaginário republicano no romance de Coelho Neto. **Revista Soletras**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 82-97, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5013/3685>. Acesso em: 12 maio 2012.

NEDELL, J. D. **Belle époque tropical**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993.

NEIVA, É. M. C. A crônica no jornal impresso brasileiro. **Revista PJ: Br – Jornalismo brasileiro**, São Paulo, n. 5, n.p., 2005. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5_b.htm. Acesso em: 11 maio 2020.

NETO, C. **A Conquista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

NETO, C. **Bilhetes Postais**. Organização, introdução e notas de Ana Carolina Feracin da Silva. São Paulo: FAPESP, 2002.

NETO, C. **Turbilhão**. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1964.

PAULA NEI, F. de. **Abolição**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/abolicao.html>. Acesso em: 23 maio 2020.

PONTES, E. **A vida inquieta de Raul Pompeia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

RODRIGUES, J. P. A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 232-257.

SEIGEL, J. **Paris boêmia**: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930). Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

TUZINO, Y. M. M. **Crônica**: uma intersecção entre o jornalismo e a literatura. In: BIBLIOTECA on-line de Ciências da Comunicação. Covilhã, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

Sobre a autora

Suzane Morais da Veiga Silveira

Doutoranda em Literatura Brasileira pelo programa de pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ (Bolsista CNPq), com pesquisa sobre a obra da autora Gilka Machado, mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO (2013) e formada em Letras (Português-Inglês) pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ (2010). Possui especialização em Estudos Literários pela FFP/UERJ e em Docência do Ensino Básico pelo Colégio Pedro II. Participante do Núcleo Interdisciplinar da Mulher na Literatura (NIELM-FL/UFRJ), é professora da rede pública municipal do Rio de Janeiro desde 2011 e autora dos livros de poesia Performances poéticas (Multifoco, 2018) e de ensaio Entre o palco e a página: confronto das ideias teatrais de Artur Azevedo e Coelho Neto (Autografia, 2020). Entre suas publicações, estão os artigos "Autoria feminina e parceria textual: O monólogo interior em Marguerite Yourcenar, Lygia Fagundes Telles e Katherine Mansfield" (Revista Jangada, 2019) e "Entre verso e prosa: um estudo do livro A Revelação dos Perfumes de Gilka Machado" (MACABÉA, 2020).